

Interferência

Interferências em “Poéticas Alemãs no século XVII: uma teoria da tradução”

Tarcísio Vanderlinde*

Ich will sagen, dass die beste Dolmetschung ist, welche man für keine Dolmetschung halt¹

A interferência na conferência “Poéticas alemãs no século XVII: uma teoria da tradução”, proferida pelo professor Stéfano Paschoal, motiva-se por pesquisas que, em algum momento, levaram em conta um personagem comum ao assunto: Martinho Lutero. No nosso caso, o enfoque das investigações deu-se por conta das mediações exercidas por Martinho Lutero durante a Guerra dos Camponeses na Alemanha em 1525. À época, a mediação de Lutero revelou-se trágica, e a guerra produziu a morte de pelo menos 100 mil camponeses². No caso do professor Paschoal, o seu objeto relaciona-se à identificação e à análise de uma teoria da tradução referente ao século XVII, no mesmo espaço territorial que, no século anterior, serviu como cenário à Reforma Luterana. Pela sua contribuição na construção da língua alemã, e por ter se envolvido com a tradução da Bíblia para o vernáculo, Lutero pode ser considerado um precursor se considerado o objeto de investigação do conferencista.

Há um aspecto relacionado ao Reformador que interfere nos pressupostos que orientam a tradução de documentos e sinalizam para uma “teoria da tradução”. A partir de textos clássicos do grego e do hebraico, Lutero traduziu a Bíblia para o idioma alemão. Ocorre que esta tradução acabou não apenas contemplando o seu objetivo em si, que era de disponibilizar à população um texto mais compreensível da Bíblia, mas influiu na formatação da própria língua alemã. Com a Reforma Luterana e, conseqüentemente, com a tradução da Bíblia, a língua alemã é elevada ao grau da língua em que é transmitida a palavra de Deus, ao lado do hebraico, do grego e do latim. Neste aspecto, parece que Lutero executou o seu trabalho com grande competência³. “*O cultivo da língua exercido por Lutero ao traduzir a Bíblia é fundamental tanto para a história da língua alemã quanto para a historiografia da tradução na Alemanha*”⁴. É válido ainda afirmar que o sentido da tradução realizada por Lutero se fundamentava na “adequação”, tradução contextualizada, pois este pressuposto atendia ao objetivo de tornar o texto bíblico mais compreensível. Essa forma de tradução pode ser identificada, na teoria literária, como *aemulatio*, uma tendência de tradução não literal caracterizada por um “processo criativo/criador”⁵. De acordo com o conferencista, a *aemulatio* permite a transformação do alheio em próprio, além de criar espaços intermediários entre o original e a tradução⁶. A *aemulatio*, contudo, não excluía a *imitatio*, considerado um recurso de tradução que fornecia modelos que deveriam ser imitados.

Merecem atenção, nesta interferência, alguns aspectos destacados por Martinho Lutero na sua “Carta Aberta sobre a Tradução”, datada de 1530. A carta evidencia uma polêmica com os papistas a respeito da “descoberta” de Lutero, de que o homem seria justificado somente pela fé. Ao nosso ver, nesta carta, Lutero faz uma defesa da *aemulatio* como recurso de tradução. Por outro lado, condena veementemente os plagiadores do seu trabalho, pois considera este seu trabalho um esforço que parecia ser exclusivamente seu. Percebe-se, pela carta, que os papistas se escondiam nos labirintos do latim para defender o *status quo* do sistema religioso dominante. Lutero polemiza em diversos momentos com os papistas

* Geógrafo e Historiador. Professor do Centro de Ciências Humanas Educação e Letras da Unioeste, Marechal Cândido Rondon. Integra o grupo de pesquisa “Cultura, Fronteira e Desenvolvimento Regional - Cnpq. ebenezer@certo.com.br

¹ HARSDÖRFFER, 1653 *apud* PASCHOAL, Stefano. Poéticas alemãs no século XVII: uma teoria da tradução, 2007, mimeo. “Eu quero dizer que a melhor tradução é aquela que ninguém percebe como tradução”.

² Consta que, durante a Guerra dos Camponeses, Lutero foi procurado para mediação entre as partes beligerantes: nobres e camponeses. As suas intervenções escritas não surtiram qualquer efeito prático. Há ainda a crença de que algumas cartas de Lutero acabaram não sendo divulgadas a tempo de evitar o massacre. Foi nesta guerra que apareceu um líder carismático que se opôs a Lutero: Thomas Münster.

³ No imaginário de alguns crentes luteranos havia uma espécie de convicção de que Jesus Cristo havia falado alemão. Esta observação me fora feita certa vez por um pastor luterano ao discutirmos a qualidade “técnica” da tradução de Lutero. A observação é sintomática se observado o posicionamento de Harsdörfer sobre o significado de uma boa tradução. A posição de Harsdörfer encontra-se sintetizada na epígrafe que abre esta interferência.

⁴ PASCHOAL, op. cit., p. 8.

⁵ Idem, p. 42.

⁶ Idem, p. 44-45.

III Ciclo

e os compara a asnos no que se refere a concepções de tradução. Incomodado, irreverente e intransigente quanto ao seu trabalho, Lutero vocifera:

Mas para que falar tanto e tanto tempo sobre tradução? Se eu fosse assinalar as causas e as reflexões sobre todas minhas palavras, provavelmente teria que escrever durante todo o ano. Que arte e trabalho é a tradução experimentei muito bem! Por isso não vou suportar como juiz ou crítico nenhum asno papista ou mulo, que nunca tentaram nada. Quem não quer a minha tradução que a deixe estar. O diabo agradece aquele que não gosta dela ou a corrige sem minha vontade e conhecimento. Se deve ser corrigida, quero fazê-lo eu mesmo. Se eu mesmo não o faço, deixem-me em paz com minha tradução, e que cada um faça o que quiser para si mesmo e passe bem⁷.

Lutero mostrava-se sempre muito zeloso e autoconfiante no seu trabalho. O tom contundente com que costumava escrever também aparece em inúmeros outros documentos. Algumas considerações, contudo, sobre o personagem, que poderia ser apresentado como um precursor de uma teoria da tradução, nos parecem ainda pertinentes para serem colocadas nesta interferência.

A tradução de Lutero possibilitou um maior acesso a uma mensagem que antes era de domínio restrito. Este acesso, contudo, logo iria suscitar alguns problemas que possivelmente passaram pelas reflexões de Lutero. Roger Chartier chama atenção para os receios que Lutero tinha sobre o fato de as pessoas interpretarem livremente a Bíblia. O autor ressalta que, durante muito tempo, as leituras das mulheres foram submetidas a um controle que justificava a mediação necessária do clero, por temor das interpretações selvagens, sem garantia de poder. Poder-se-ia comparar esta obsessão com o medo que a Igreja sentia diante da leitura da Bíblia por todos os cristãos. Lutero, desde os anos 1520, depois de ter dado a todos a Bíblia, traduzindo-a para o alemão, tem um movimento de recuo quando percebe que ela suscita interpretações – a dos anabatistas, por exemplo – política e socialmente perigosas. Daí o retorno ao catecismo e ao ensinamento do pastor⁸. Não foi, porém, só o catecismo que foi utilizado para corrigir as heresias e os supostos desvios teológicos. Vários panfletos escritos por Lutero durante a Guerra dos Camponeses tiveram essa finalidade. Ocorre, porém, que o controle sobre a recepção do texto é praticamente impossível de ser executado. Na concepção de Roger Chartier,

A leitura é, por definição, rebelde e vadia. Os artifícios de que lançam mão os leitores para obter livros proibidos, ler nas entrelinhas, e subverter as lições impostas são infinitos. [...] O livro sempre visou instaurar uma ordem; fosse a ordem de sua decifração, a ordem no interior da qual ela deve ser compreendida ou, ainda, a ordem desejada pela autoridade que o encomendou ou permitiu a sua publicação. Todavia, essa ordem de múltiplas fisionomias não obteve a onipotência de anular a liberdade dos leitores. Mesmo limitada pelas competências e convenções, essa liberdade sabe como se desviar e reformular as significações que a reduziram. [...] a recepção também inventa, desloca e distorce. Produzidas em uma ordem específica, que têm as suas regras, suas convenções e suas hierarquias, as obras escapam e ganham densidade, peregrinando, às vezes na mais longa jornada, através do mundo social. Decifradas a partir dos esquemas mentais e efetivos que constituem a cultura (no sentido antropológico) das comunidades que a recebem, tais obras se tornam um recurso precioso para pensar o essencial: a construção de um vínculo social, a subjetividade individual, a relação com o sagrado⁹.

Desconsiderando-se os emaranhados desdobramentos relacionados à recepção da leitura, parece ser inquestionável admitir a extraordinária influência do pensamento de Lutero na história ocidental. Entre outros assuntos, Lutero considera o Novo Testamento, e em particular os escritos de Paulo, como autoridade final em todas as questões fundamentais acerca da conduta adequada a seguir na vida social e política.¹⁰ Os teólogos e estudiosos de Lutero costumam dizer que o personagem Lutero é fruto da complexa conjuntura do seu tempo. Lutero, porém, pela sua ousadia e pelas suas idéias, parece transcender o seu tempo. Num mun-

⁷ LUTHER, Martin. Carta aberta sobre a tradução. In: Clássicos da teoria da tradução – Antologia Bilingüe/Renascimento, s.d.

⁸ CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: UNESP, 1998, p. 109. Sobre o perigo do incitamento que a livre leitura da Bíblia poderia provocar, consulte-se texto de Alberto Manguel intitulado “Uma história da leitura”. Manguel chama atenção para o fato de que nem todos os poderes do leitor são iluminadores. O mesmo ato que pode dar vida ao texto, extrair suas revelações, multiplicar seus significados, espelhar nele o passado, o presente e as possibilidades do futuro, pode também destruir ou tentar destruir a página viva. Todo leitor inventa leituras, o que não é a mesma coisa que mentir, declarando obstinadamente que o texto serve a uma doutrina, a uma lei arbitrária, a uma vantagem particular, seja aos direitos dos donos de escravos ou à autoridade de tiranos (Cf. MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 322-323).

⁹ CHARTIER, Roger. *A ordem do livro*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994. p. 7-9.

¹⁰ SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 285-389.

do que se transforma rapidamente, destacam-se os humanistas, desejosos de promover o retorno às fontes originais da doutrina cristã, as Sagradas Escrituras. As cidades e o comércio desenvolvem-se vertiginosamente. Neste contexto, nobres de antigo sangue unem-se a banqueiros e a comerciantes emergentes para financiarem filósofos, numa redescoberta da cultura clássica greco-romana. Nada disso, porém, ultrapassa um estreito círculo de pessoas. No início do século XVI, os habitantes do campo continuam aferrados às crenças dos antepassados, capazes de assassinar os eremitas com fama de santidade para assegurar para si a posse dos despojos milagrosos¹¹. A Igreja Romana tirava proveito das circunstâncias conjunturais. Muitos intelectuais humanistas percebiam os exageros e faziam uma espécie de crítica de dentro para fora. Já Lutero foi mais longe.

Martinho Lutero deixou centenas de escritos que se transformaram em preciosas fontes para pesquisadores. Muitos dos seus escritos se encontram traduzidos em diversos idiomas, entre os quais o português. A presença da Igreja Luterana no Brasil desde o século XIX é responsável por vasta literatura relacionada a Lutero no tempo presente. Novos textos sobre Lutero continuam sendo traduzidos e atualizados para a “linguagem do século XXI”¹².

Um dos documentos que mais chamam atenção dos pesquisadores é o debate acerca das 95 teses. As 95 teses, cuja afixação com a finalidade de debate deu-se a 31 de outubro de 1517, data que é comemorada anualmente como “O dia da Reforma”, de modo algum tinham a intenção de deflagrar um movimento. Segundo ele, Lutero nada mais pretendia que o esclarecimento teológico de uma questão que o envolvia como conselheiro espiritual e que tinha implicações para a piedade dos seus paroquianos: a indulgência. As opiniões de estudiosos são de que Lutero não imaginou o que viria a desencadear com este ato. Na época ainda acalentava sonhos de que as suas teses pudessem pautar um concílio e reformular a Igreja à qual pertencia.

Quase paralelamente às teses, Lutero preparou as “explicações” das mesmas. É interessante perceber que o conteúdo das “explicações” faz deste escrito uma das mais importantes obras teológicas e reformatórias do seu autor: discute a indulgência e a penitência, colocando-as num amplo contexto teológico, e exige, a partir deste contexto, pela primeira vez e com toda a clareza, uma *reforma* na Igreja. Atentemos, no entanto, para o objetivo desta interferência.

No que tange a uma teoria da tradução, evidencia-se o papel político do tradutor durante o século XVII na construção da língua alemã. Fica implícita a formulação de um idioma que servisse como instrumental de uma territorialidade em construção. Neste caso, a territorialidade que é uma concepção que aponta para a gestão de um território, acaba extrapolando os aspectos meramente formais de uma língua. No processo de construção da língua alemã ocorreram expurgos de palavras e apropriações convenientes de neologismos que indicam uma concepção política e de poder na gestão do território. Pode-se concluir que a tradução esteve a serviço da construção do germanismo e do nacionalismo. O processo acontecia pelo que se convencionou denominar de “cultivo da língua”. No processo de expurgos e/ou apropriações de palavras utilizadas em outras línguas identifica-se o conceito de “pureza da língua”, conceito que, na visão do conferencista, não deverá ser confundido com “pureza de raça”. Além disso, parece também ser evidente que os processos de tradução entre os intelectuais alemães durante este período eram movidos por um sentimento de atraso literário em relação aos outros países da Europa¹³.

Envolver-se com uma teoria da tradução nos remete a processos de construção de uma língua no seu sentido *stricto*. Ocorre, porém, que não é só este aspecto que se evidencia. O momento histórico, envolvendo a construção de uma identidade, coloca no cenário elementos relacionados à situação política e a um suposto atraso literário da sociedade alemã no contexto de outras construções identitárias e de outras línguas.

Contribuição recebida em 25.02.2008 e aprovada em 19.05.2008.

¹¹ GRANDES personagens da história. São Paulo: Abril, 1972. p. 525-540.

¹² Cf. LUTERO, Martin. *Economia e ética: comércio e usura*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2001.

¹³ É interessante verificar que tal sentimento de atraso não seria uma prerrogativa circunscrita ao século XVII. Os pressupostos da ciência geográfica, por exemplo, foram em parte estabelecidos na Alemanha por um sentimento de atraso principalmente em relação ao avanço científico percebido na França na segunda metade do século XIX.